

AS PEQUENAS CIDADES NA CONFLUÊNCIA DO URBANO E DO RURAL

Roberto Lobato Corrêa*

Resumo Este texto procura explorar o papel das pequenas cidades brasileiras no que diz respeito às relações entre o urbano e o rural. Admitimos que as pequenas cidades situam-se na confluência do urbano e do rural. Mas o papel que desempenham é diferenciado e admitimos ser possível estabelecer tipos ideais de pequenas cidades que sejam capazes de torná-las compreensíveis enquanto nós de ampla e complexa rede de cidades.

Palavras chave: urbano, rural, pequenas cidades, rede de cidades.

The small cities at the confluence of urban and rural

Roberto Lobato Corrêa

Abstract: This paper explores the role of small cities in Brazil as regards the relations between urban and rural. We assume that small towns are situated at the confluence of urban and rural. But their role is different and we admit to be possible to establish ideal types of small towns that are capable of making them understandable to us as large and complex network of cities.

Key Words: urban, rural, small cities, network of cities.

As relações entre o urbano e o rural têm sido, mais recentemente, negligenciadas tanto pelos geógrafos urbanos, interessados em relevantes problemas urbanos como a ação dos agentes sociais da produção do espaço, a segregação residencial, a re-estruturação do espaço comercial ou os movimentos sociais, como pelos geógrafos rurais, interessados em temáticas como o movimento dos sem-terra, a pequena produção familiar e as transformações da paisagem agrária. Justifica-se este interesse. Contudo, as relações entre estas duas esferas são importantes, contribuem para a compreensão

da dinâmica social e espacial, constituindo-se em longa tradição nas ciências sociais. Tradição que tem como referências básicas o clássico "A Ideologia Alemã" de Marx e Engels, a contribuição de Tönnies a respeito da dicotomia rural-urbana [Gemeinschaft e Gesellschaft], a contribuição dos sociólogos americanos do Meio-oeste, Galpin e Kolb, e a discussão a respeito do 'continuum' rural-urbano de Redfield e Singer. A tradição incorpora os estudos sobre as relações cidade-campo dos geógrafos franceses da década de 1960, entre eles Bernaard Kayser e Raymond Dugrand, a obra de Raymond Williams sobre o campo e a cidade e as

*Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. email: lobatocorrea@uol.com.br

contribuições de Henri Lefébvre.

O Simpósio sobre Rural e o Urbano no Brasil, já em sua segunda edição, contribui para resgatar essa tradição. Nesse sentido este texto procura contribuir neste esforço, ao considerar a pequena cidade na confluência do urbano e do rural. O texto divide-se em quatro partes. A primeira apresenta uma breve conceituação sobre a pequena cidade, enquanto a segunda aborda a pequena cidade brasileira 'circa' 1950. A terceira considera as transformações que alteraram a funcionalidade das pequenas cidades. A última e mais importante parte está centrada em uma tipologia de cinco tipos-ideais de pequenas cidades brasileiras do começo do século XXI.

Consideramos, finalmente, que este texto está longe de esgotar a temática da pequena cidade. Críticas e outras leituras serão bem-vindas e contribuirão para dar maior inteligibilidade às relações entre o urbano e o rural.

1 – CONCEITUANDO A PEQUENA CIDADE

A pequena cidade constitui objeto cuja conceituação está impregnada de encaminhamentos distintos e controversos. Neste texto consideraremos apenas as pequenas cidades brasileiras em um contexto pós-1970-1975. O conceito aqui considerado não está imune a objeções e críticas diversas, mas estamos conscientes da necessidade de um conceito, pelo menos provisório, incompleto e com algumas inconsistências, para que se possa avançar. O que se segue nesta seção constitui um esforço conceitual a respeito da pequena cidade brasileira em sua complexidade.

Ressalte-se que na discussão que se segue não serão abordadas questões relativas à organização do espaço intra-urbano ou ao modo de vida na pequena cidade, mas somente considerando-a enquanto um ponto na rede de cidades.

α) A pequena cidade tem diversas origens, não apenas considerando-se o período de sua criação, mas também face às motivações, agentes sociais e ao padrão de localização que

condensa necessidades e possibilidades de criação de núcleos de povoamento. Trata-se de habitat concentrado que ora antecede o povoamento da hinterlândia, ora verifica-se posteriormente. Fala-se, respectivamente em habitat concentrado primário e habitat concentrado secundário.

Pierre Deffontaines em 1938 propõe uma tipologia a respeito da criação de cidades, tipologia na qual, em muitos casos, as relações entre o urbano e o rural estão presentes. A tipologia inclui cidades criadas como "patrimônios religiosos", "bocas de sertão", pouso de tropas de mulas, e entroncamento de vias de circulação. Acrescente-se as cidades que nasceram de quilombos ou como "company towns". A pequena cidade resulta, assim, de inúmeros processos formativos.

b) A pequena cidade é entendida como um núcleo de povoamento no qual certa parte da população está engajada em atividades ligadas à transformação e circulação de mercadorias e prestação de serviços. A parte da população engajada em atividades agrárias é maior ou menor e isto pode levar a se pensar em um "continuum" rural-urbano, sem um rígido limite entre núcleos urbanos e núcleos rurais, nestes casos podendo-se falar em habitat rural concentrado.

c) A pequena cidade é, assim, antes de mais nada um núcleo dotado da função de sede municipal. Reconhecemos que inúmeras vilas e povoados têm funções urbanas, mas o padrão dominante diz respeito à presença da função político-administrativa. Ser sede municipal significa certo poder de gestão de um dado território, o município, para o qual a presença de instituições e serviços públicos, além do acesso a tributos estaduais e federais tornam-se essenciais. Associada a essa função político-administrativa, seja de forma causal ou em consequência, há atividades econômicas vinculadas à produção e circulação de mercadorias e à prestação de serviços.

d) A pequena cidade pode ser melhor definida em termos do grau de centralidade do que em termos de tamanho demográfico. Ela se caracteriza por ser um centro local, isto é,

um centro que exerce centralidade em relação ao seu território municipal, sua hinterlândia, onde vive uma população dispersa dedicada sobretudo às atividades agrárias. Em muitos casos vilas e povoados estão em sua hinterlândia: constituem eles núcleos de povoamento dedicados essencialmente às atividades agrárias. Mas muitas pequenas cidades têm em suas hinterlândias algumas pequenas cidades, menores ainda, que em um passado não muito distante, constituíam vilas e povoados subordinados a elas.

Centralidade e tamanho demográfico estão intimamente relacionados. As pequenas cidades, centros locais que temos em mente, dificilmente ultrapassam 20-30.000 habitantes. É a elas que estamos nos referindo. Na categoria de centros locais incluímos aqueles centros que não são exclusivamente lugares centrais, dispendo de outras funções como a industrial: podem possuir uma população maior em razão dessas funções não-centrais, mas em termos de centralidade são centros locais.

e) As pequenas cidades brasileiras constituem um universo muito variado quando se considera um conjunto de características associadas aos núcleos urbanos e às suas hinterlândias. Estas características são gerais mas se efetivam de modo específico e se combinam gerando diferentes arranjos. São vistas como essenciais, mas não exclusivas, para gerar tipos regionais de pequenas cidades. Estas características são as seguintes:

- matriz cultural da área;
- antiguidade do povoamento da área;
- estrutura agrária da hinterlândia;
- densidade demográfica da hinterlândia;
- relações com o mercado;
- nível de renda da área; e
- acessibilidade.

Nas variadas combinações existentes, que definem contextos regionais distintos, apontaremos algumas que de modo claro traduzem significativas diferenças entre as pequenas cidades. Assim, pode-se falar em pequenas cidades

- das áreas de colonização européia

do sul do país;

- do Planalto Ocidental paulista;
- da Zona da Mata mineira;
- da área de cerrado;
- do Sertão nordestino;
- da Amazônia ribeirinha; e
- da "terra-firme" da Amazônia.

As diferenças entre os tipos regionais de pequenas cidades nos alerta para o cuidado que se deve ter nos estudos empíricos a serem realizados considerando as relações entre as pequenas cidades e suas hinterlândias.

2 - A PEQUENA CIDADE BRASILEIRA 'CIRCA' 1950

Por volta de 1950 a pequena cidade brasileira diferia muito de sua congênere cerca de 60 anos depois. As diferenças aqui consideradas dizem respeito apenas ao papel que desempenhavam enquanto situadas na confluência do urbano e do rural. Isto se devia ao contexto econômico e social do país, profundamente caracterizado por dois aspectos - que, juntos engendraram um conjunto de efeitos no que diz respeito às relações entre o urbano e o rural.

O Brasil era, de um lado, menos industrializado e urbanizado. Estamos às vésperas do processo de industrialização que, a partir da segunda metade dos anos 50, irá afetar, ainda que desigualmente, a sociedade brasileira e seu território. A urbanização, tanto em termos quantitativos como qualitativos, não tinha ainda explodido, tal como ocorrerá em breve. No campo pode-se falar em complexo rural e outros complexos, mas é muito cedo para se falar em complexo agroindustrial. De outro, e em consequência, o Brasil era pouco articulado internamente, pouco integrado. A articulação começaria a ser claramente efetiva a partir de 1960, quando inúmeras rodovias foram abertas e entregues ao tráfego. As redes ferroviárias eram eminentemente regionais, articulando territórios regionais em torno de uma grande cidade, a exemplo da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, Rede Mineira de Viação, Estrada de Ferro Leste Brasileiro e as ferrovias paulistas, focalizadas,

respectivamente em Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e São Paulo. Semelhantemente, os bancos eram precipuamente regionais e, à exceção do Banco do Brasil, dificilmente se poderia falar em bancos de atuação nacional.

No contexto da limitada industrialização, urbanização e articulação interna, as pequenas cidades desempenhavam papel mais significativo na vida econômica, social e política. Vejamos alguns pontos a respeito das pequenas cidades.

a) A pequena cidade era menor em termos demográficos do que as pequenas cidades da primeira década do século XXI. O limite superior de seu tamanho demográfico poderia estar em torno de 10.000 habitantes em algumas regiões, menos em outras.

b) A pequena cidade constituía um nó fundamental na rede de relações econômicas envolvendo o urbano e o rural. Situava-se no começo de uma longa cadeia de comercialização, beneficiamento, se necessário, de produtos do mundo rural. Por outro lado, situava-se no fim de outra cadeia, a de distribuição de produtos industrializados, provenientes de fora, sobretudo das grandes cidades. Alguns produtos industrializados, contudo, eram produzidos localmente, visando o mercado local.

Esta dupla situação colocava, de modo muito claro, a pequena cidade na confluência do urbano e do rural. Na confluência situava-se, em muitos casos, o comerciante que reunia duas atividades, a de comprar, armazenar e expedir os produtos rurais e o de distribuir uma ampla gama de produtos industrializados, todos de consumo corrente, com baixos limiares ('threshold') e, portanto, dotados de limitados alcances espaciais. Estes comerciantes atacadistas-varejistas atuavam também no financiamento da produção agrícola por intermédio do adiantamento de bens de consumo aos produtores rurais. O beneficiamento de produtos agrícolas, quando necessário, era realizado ou por firmas específicas ou pelo próprio atacadista-varejista. Poucas eram as lojas com atividades voltadas apenas à distribuição de produtos industrializados: as lojas de tecidos eram

uma importante exceção.

c) A pequena cidade oferecia poucos serviços à sua população e a de sua hinterlândia. Pois as atividades agrícolas demandavam poucos serviços e a população da pequena cidade não os utilizava ou os substituía por serviços informais, muitos inseridos em significativas redes sociais.

d) A confluência entre o urbano e o rural estava também presente no ritmo da vida da pequena cidade, que dependia do ritmo das atividades agrícolas. O período da colheita significava abundância e recursos monetários, período de festas e comemorações. A entressafra significava um período no qual a vida econômica e social caracterizava-se por um declínio sazonal.

e) A pequena cidade não era apenas o foco da vida econômica de sua hinterlândia. Era também o foco da vida política e social. Na cidade realizam-se festas, entre elas aquelas dedicadas ao padroeiro local, encontros e comícios políticos. Há uma elite local, constituída por alguns fazendeiros, comerciantes e um ou outro profissional liberal, se existente na pequena cidade.

f) As pequenas cidades pouco se diferenciavam entre si do ponto de vista funcional, situando-se na confluência do urbano e do rural, no ponto inicial e final de duas cadeias de comercialização e no centro da vida local. É possível distinguir, no entanto, as cidades de áreas agrícolas, vinculadas à produção de café, cacau, arroz, fumo e "cereais", daquelas de áreas pastoris, nas quais as relações econômicas são diferenciadas em razão do tipo básico de atividade. Este ponto, contudo, merece maior atenção, implicando em pesquisas em geografia histórica.

3 – AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE E AS PEQUENAS CIDADES

A partir da segunda metade da década de 1950 verificou-se no Brasil um conjunto de transformações que afetaram a sociedade brasileira. Neste texto dirigiremos o foco de atenção às transformações vinculadas às pequenas cidades, ressaltando, contudo, que as mesmas transformações afetaram as mais diversas esferas

da vida econômica, política e social da sociedade e de seu espaço. Ressaltemos também que as transformações, a seguir enunciadas, combinaram-se entre si de modo desigual nos diferentes contextos regionais: ora uma desempenhou papel mais importante, ora essa mesma desempenhou papel reduzido nas mudanças havidas nas pequenas cidades. Apontamos que a temática das combinações desiguais constitui-se em tópico a ser ainda pesquisado.

a) Do lado rural as transformações mais significativas foram as seguintes:

i – Industrialização do campo ou um estágio superior à modernização do campo, gerando os complexos agroindustriais (CAI's), que substituíram o antigo complexo rural e outros mais como o do café. A industrialização do campo, afetou não apenas a estrutura fundiária, gerando maior concentração da propriedade rural, mas também as relações de produção, gerando a diminuição do número de pequenos proprietários, rendeiros e meeiros e o aumento do número de assalariados, particularmente aqueles de trabalho temporário. Paralelamente a demanda de bens e serviços foi ampliada, tanto à montante da produção 'strictu sensu' (sementes, adubos, inseticidas, maquinário em geral, assistência técnica, etc.), como à jusante (beneficiamento, embalagens e transformação). Isto estreitou a dependência da agricultura à indústria, da qual aquela tornou-se um braço desta, assim como as relações entre o urbano e o rural, que perde muitas de suas características e é melhor definido como o agrário.

A industrialização do campo afetou também a paisagem agrária, diminuindo a presença dos diversos estágios de capoeiras, eliminando o habitat rural concentrado, quando este ocorria, criando uma paisagem vazia de homens. A emigração para a periferia urbana, tanto das metrópoles, cidades médias e pequenas, para a fronteira de povoamento ou de modernização ou para acompanhamentos do MST, são outros efeitos da industrialização do campo que irão afetar as pequenas cidades.

ii – No outro extremo está a decadência ou a estagnação do campo, implicando

na ausência de inovações como na situação anterior. As conseqüências incluem uma maior fragmentação da propriedade fundiária, o empobrecimento do solo, a falta de horizontes e a emigração. As conseqüências para as pequenas cidades são inúmeras, derivadas da perda de sólido conteúdo econômico e demográfico de suas hinterlândias que no passado sustentavam as pequenas cidades.

iii – Criação de novas áreas de produção localizadas tanto na fronteira de povoamento, como a Amazônia, como na fronteira de modernização, como nas áreas de cerrado ocupadas pela atividade pastoril. Criam-se ou ampliam-se novos mercados, com muitas das características das áreas do complexo agroindustrial, mas tendo em vista a localização distante da 'core area' do país, a força dos efeitos parece ser menor. Pequenas cidades são criadas ou renascem com a criação de novas áreas de produção ou a profunda transformação de outras.

β) Do lado do urbano-industrial as transformações são por ele comandadas, gerando densos impactos sobre as cidades e sobre o antigo mundo rural. Entre estas apontaremos as mais importantes.

i – A própria industrialização no que tange à oferta de uma ampla e variada gama de produtos industriais, novos e antigos, direcionados ao consumo produtivo e ao consumo não-produtivo. Bens de capital, bens intermediários, bens de consumo durável e bens de consumo não-durável passaram a ser produzidos em escala crescente, mas com grande concentração espacial. A industrialização do campo é um dos impactos desse desenvolvimento industrial mas em contrapartida muitas pequenas indústrias localizadas em pequenas cidades desapareceram.

Paralelamente, o desenvolvimento da indústria suscitou novas demandas de matérias-primas, tanto recursos minerais como produtos do mundo agrário. Ao mesmo tempo, a cidade passou a atrair população do campo, tanto das áreas incorporadas ao complexo agroindustrial como daquelas que se tornaram decadentes ou estagnadas. Essa população era tanto atraída pela demanda efetiva de empregos como via na cidade

uma possibilidade ou um refúgio para sobreviver. As migrações rurais-urbanas, passando em muitos casos pelas pequenas cidades, é um importante capítulo da geografia a ser retomado.

ii - O rápido e intenso desenvolvimento da circulação, um veículo importante das transformações, a partir de 1960, da sociedade brasileira. Trata-se da circulação de mercadorias, pessoas, capital e informação que, reduziu muito a distância e o tempo que eram longos e lentos. Rodovias novas, reformulação portuária e da navegação, redefinição do tráfego aéreo e o desenvolvimento das telecomunicações, agora instantâneas e simultâneas, ampliaram o espaço de fluxos do país. Paralelamente, a expansão da indústria automobilística tornou a circulação interna mais ágil.

No que diz respeito às pequenas cidades os impactos foram duplos. De um lado elas puderam comunicar-se com centros a longa distância, sem intermediação de centros maiores como as capitais regionais e metrópoles. De outro, tornaram-se menos importantes, passíveis de serem deixadas à margem por aqueles que, anteriormente, dada a precariedade das vias terrestres, a utilizavam. O novo espaço dos fluxos atribuiu à pequena cidade uma importância menor que anteriormente.

iii - A re-estruturação do comércio atacadista e varejista foi outra importante transformação que afetou a pequena cidade. O tradicional atacadista-varejista foi substituído por novos modelos de comercialização da produção do mundo agrário, que inclui cooperativas e o contato direto entre produtor e a empresa industrial. Cadeias de supermercados e lojas de varejo com abastecimento direto da fábrica, via filiais de venda ou representantes comerciais, tornaram menos importantes as tradicionais estruturas comerciais pré-existentes, eliminando muitos de seus participantes. A pequena cidade não se beneficiou desse tipo de transformação.

Em resumo, é possível afirmar que a pequena cidade do final do século XX e início do século XXI, constitui-se em um nó minúsculo em uma vasta e complexa rede urbana, na qual o papel

que desempenhava nas relações urbano-rural foi alterado.

4 - AS PEQUENAS CIDADES - OS TIPOS IDEAIS

As transformações verificadas na sociedade brasileira fragmentaram a relativa homogeneidade que caracterizam, até 1970-1975, as pequenas cidades, que se tornaram mais diferenciadas entre si. Esta diferenciação é o resultado da desigual combinação daquelas transformações discutidas anteriormente. Ressalte-se que esta desigual combinação ocorreu e ocorre de modo diacrônico e espacialmente diferenciado e não sincronicamente e em toda parte. A desigual espaço-temporalidade constitui, em realidade, um atributo da difusão de inovações verificadas a partir de meados da década de 1950. Nestas transformações atuaram tanto processos gerais, ocorrendo desigualdade no espaço e no tempo, como as pequenas cidades apresentavam algumas heranças e potencialidades, que foram retomadas e efetivadas por grupos locais ou empresas externas, que geraram uma re-inserção delas na rede urbana em mutação. Compreender essas lógicas de re-inserção constitui-se em motivação para inúmeras pesquisas.

Entre a diferenciação absoluta e o enquadramento de todas as pequenas cidades em um único tipo geral, procurou-se construir tipos ideais, que contemplassem unidades e diversidades. Os tipos ideais a seguir apresentados podem ser vistos como um esforço teórico de descrever o que constituem na atualidade as pequenas cidades. Como tipos ideais podem ocorrer em forma pura, mas ocorrem sobretudo de modo combinado. Ou seja, uma cidade do tipo A pode conter características dos tipos B e C, mas sem grandes implicações, pois uma pequena cidade deixaria de assim ser, aumentando muito o número de seus habitantes, se as características de vários tipos estivessem igualmente co-presentes.

Cinco tipos ideais são propostos: os lugares centrais, os centros especializados, reservatórios de força-de-trabalho, centros que vivem de recursos externos e subúrbios-dormitório.

a) Os lugares centrais constituem

o primeiro tipo. Na hierarquia urbana brasileira constituem centros locais, menos freqüentemente centros de zona. Localizam-se sobretudo nas áreas incorporadas à industrialização do campo, áreas agrícolas modernizadas, sobretudo no Centro-Sul do país. Situam-se na confluência do agrário moderno com o urbano, do qual o pequeno lugar central é parte integrante.

A distribuição de bens e serviços para as atividades agrárias é a principal atividade do lugar central. Insumos, equipamentos e assistência técnica, de grande demanda por parte do mundo agrário, são oferecidos por empresas locais, fortemente articuladas às grandes empresas nacionais ou de ação global. Bens e serviços para a população agrícola e do próprio lugar central são também oferecidos. Qual a composição funcional destes lugares centrais? Como os diversos contextos geográficos traduzem-se em variações funcionais entre estes lugares centrais?

Trata-se, conforme sugerido por Milton Santos, da "cidade do campo", lugar central de uma hinterlândia agrária moderna, capitalista. Este lugar central deve ser considerado como parte integrante do Complexo Agro-Industrial, reflexo, meio e condição deste quadro geográfico.

b) Os centros especializados constituem núcleos de povoamento que desenvolvem atividades específicas, as quais conferem-lhes uma identidade singular (centro têxtil, de confecções, celulose e papel, de mineração, de peregrinação, etc.). As outras atividades econômicas que desempenham são mais dependentes da atividade específica e da população a ela diretamente vinculada do que as atividades e população de sua reduzida hinterlândia.

i – A maior parte desses centros resulta de uma refuncionalização face à perda de seu papel nas relações com o campo. A refuncionalização resulta, por outro lado, de investimentos locais ou de origem externa, que aproveitam-se de uma infra-estrutura, a própria cidade, já implantada.

ii – Um menor número desses centros resulta de criações de capitais de grandes empresas que necessitam de uma base territorial

para realizar as suas atividades. A criação desses núcleos implica na construção e controle de toda a cidade, assim como da vida cotidiana de seus moradores. Trata-se da "company town", local de produção de uma única grande empresa ligada a setores como mineração, metalurgia, celulose e papel e cimento.

Trata-se da pequena cidade no campo, dele estando essencialmente desvinculado: seus principais fluxos são de longa distância e, em muitos casos, estranhos à área próxima. A localização de ambos os subtipos ocorre em todo o Brasil, tanto na Amazônia como no Centro-Sul.

c) Os reservatórios de força-de-trabalho ocorrem tanto em áreas de povoamento recente, como a Amazônia oriental, constituindo-se em locais de concentração de "peões", como em áreas integradas ao complexo agroindustrial como, por exemplo, o Oeste paulista. A concentração da propriedade da terra é característica fundamental em ambos os casos, mas no primeiro são núcleos recentes, enquanto no segundo caso núcleos refuncionalizados.

Constituem pobres e tristes núcleos de povoamento, mais agrários do que urbanos, locais de existência e reprodução de uma força-de-trabalho expulsa do campo seja porque este foi submetido à industrialização, seja porque tornou-se decadente ou estagnado. As relações entre o urbano e o rural se fazem também por serem esses núcleos focos de atividade política em torno das condições de trabalho no campo.

d) Os centros que vivem de recursos externos constituem, via de regra, antigos e decadentes lugares centrais localizados em áreas agrícolas decadentes ou estagnadas, nas quais o processo migratório é notável. Com hinterlândias esvaziadas econômica e demograficamente e sem condições de desenvolver atividades especializadas, esses centros vivem de recursos externos, a saber: minguadas sobras de recursos monetários enviados aos familiares por aqueles que emigraram, aposentadorias e pensões pagas pelo FUNRURAL e recursos do governo federal por intermédio do Fundo de Participação que é distribuído a todos os municípios.

As relações com o campo estão longe de lembrar o que fora no passado. A região Nordeste, tanto na Zona da Mata, no Agreste como no Sertão, constituem as áreas onde este tipo ocorre de forma majoritária.

e) Os subúrbios-dormitório constituem, em muitos casos, o resultado da absorção de um antigo lugar central por uma grande cidade em crescimento e expansão. Neste tipo estão excluídos aqueles subúrbios-dormitório que foram criados por meio de loteamentos periféricos e que, mais tarde, tornaram-se, sucessivamente vilas e sedes municipais.

Estas pequenas cidades localizam-se a uma distância próxima que viabiliza migrações pendulares daqueles que ali vivem mas trabalham na cidade maior. O mercado de trabalho da cidade em expansão, a acessibilidade e a perda do papel de lugar central de núcleos que foram afetados pela valorização da terra para fins urbanos em detrimento de usos agrícolas, parecem explicar a transformação dessas pequenas cidades. As relações com o mundo rural se fazem de duas maneiras, ou porque atraem mais excedentes rurais ou porque em suas proximidades há sítios de fim-de-semana de habitantes da grande cidade. Localizam-se sobretudo no Centro-Sul.

PARA ENCERRAR E CONTINUAR

O presente texto procurou discutir o papel das pequenas cidades vistas enquanto situadas na confluência do urbano e do rural. Esta confluência apresenta cinco formas principais:

- Apropriação da parcela do valor produzido no mundo do complexo agroindustrial e gestão local dessas atividades;

- Relativa separação entre cidade e campo;
- Fusão, em diferentes graus, do rural com o urbano;
- O urbano exibe e sintetiza a transformação do rural; e
- O rural e as relações com o urbano cedem lugar ao urbano.

Apropriação, separação, fusão, reflexo e absorção parecem ser as palavras-chave em torno das quais a pequena cidade situa-se entre o urbano e o rural.

Muitos questionamentos emergirão do que foi aqui exposto, envolvendo críticas novas, interpretações e pesquisas empíricas, as quais possibilitarão continuar com o esforço de fornecer inteligibilidade à espacialidade humana.

* * * * *

Este trabalho resulta de um longo e continuado interesse pela temática da rede urbana brasileira. Interesse que se traduziu em orientações de dissertações e teses e em minhas próprias pesquisas, as quais incluíram inúmeros trabalhos de campo, entre eles os da região semi-árida alagoana e sergipana, da região de Amargosa, na Bahia, da Zona Metalúrgica mineira, do Sudoeste paranaense, dos vales do Itapecuru, Mearim e Pindaré no Maranhão e do Oeste paulista. Parte dos resultados das pesquisas encontra-se em duas coletâneas, Trajetórias Geográficas (Bertrand Brasil, 1997) e Estudos sobre a Rede Urbana (Bertrand Brasil, 2006) e em diversos volumes, publicados entre 1965 e 1995, da Revista Brasileira de Geografia.